

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ-SETOR LITORAL

**TÉCNICAS DE JARDINAGEM, ERVAS MEDICINAIS E A PRODUÇÃO DE
INSUMOS ORGÂNICOS: PROBLEMATIZANDO A EDUCAÇÃO DO CAMPO.**

**CHOPINZINHO
2014**

MARINA LUCINI GNOATTO

TÉCNICAS DE JARDINAGEM, ERVAS MEDICINAIS E A PRODUÇÃO DE INSUMOS ORGÂNICOS: PROBLEMATIZANDO A EDUCAÇÃO DO CAMPO.

Trabalho apresentado com requisito parcial para a obtenção da certificação de Especialização em Educação do Campo, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientador Professor: Marcos Aurelio Zanlorenzi

Técnicas de Jardinagem, Ervas Medicinais e a Produção de Insumos Orgânicos: Problematizando a Educação do Campo.

Marina Lucini Gnoatto ¹

Marcos Aurelio Zanlorenzi ²

Resumo:

O discurso com relação aos problemas ambientais são frequentes, o homem que convivia em harmonia com a natureza e dela tirava o seu sustento, degradou-a. Grandes transformações ocorreram na forma de se produzir o alimento, e muitas destas contribuíram e/ou causaram grandes problemas ambientais e atualmente nos deparamos com o problema do êxodo rural, o desenvolvimento sustentável e a preservação do meio ambiente. As discussões sobre estas questões precisam começar na escola. Neste trabalho apresentaremos algumas alternativas possíveis de se desenvolver na escola do campo. A educação dos povos do campo que foi historicamente marginalizada se reconstruir num processo coletivo, procurando forjar uma nova identidade e até um novo foco de desenvolvimento humano. Nesse sentido é preciso romper com a lógica do desenvolvimento econômico capitalista, e desenvolver uma política pública e didática que valorize os saberes, as experiências, a cultura, a identidade, enfim, as especificidades dos povos do campo. Buscamos através das técnicas de jardinagem, ervas medicinais e a produção de insumos orgânicos, fortalecer a cultura, desenvolver o processo de apropriação e elaboração de novos conhecimentos, bem como desenvolver estudos e problematizações sobre as questões relativas ao trabalho, sustentabilidade e cultura dos povos do campo. Através da pesquisa realizada na turma do terceiro ano do primeiro ciclo percebemos que as atividades foram enriquecedoras e possibilitaram inúmeras problematizações e reflexões que partiram dos conhecimentos prévios dos alunos, pois, procuramos desenvolver reflexões críticas e elaborar propostas educativas que incluam os alunos e os valorizem no processo, ou seja, mostrando que é possível partir do conhecimento dos povos do campo, valorizar sua cultura e suas especificidades.

Palavras-chave: Educação do Campo; Sustentabilidade; Educação.

¹ Formada em Bacharelado em Administração com Habilitação em Gestão Ambiental e Licenciatura em Artes Visuais

² Educador Orientador – UFPR Litoral

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, aparentemente todos estão preocupados com os temas ambientais, com a proteção do meio ambiente e com a qualidade de vida. Esta transformação do modo de ver e conviver com a natureza está se dando, particularmente, por meio do apelo à sobrevivência, ou seja, no passado o homem convivia em harmonia com a natureza, dela tirava o seu sustento, depois começou a sustentar-se das atividades agrícolas e da criação de animais. Porém, com o passar dos anos a terra foi se degradando e ocorreu uma grande queda de produção, sem falar nos apelos das grandes empresas que passaram a produzir substâncias químicas que foram sendo incorporadas ao solo.

Grandes transformações ocorreram na forma de se produzir o alimento, e muitas destas transformações contribuíram e/ou causaram grandes problemas ambientais, não é preciso ir muito longe para observarmos o aquecimento global, nos deparamos com enchentes e terremotos. Também hoje nos deparamos com o problema do êxodo rural que arrasta milhares de famílias do campo para as periferias das cidades. A discussão sobre estas questões precisam começar na escola, pois não podemos esperar, precisamos mostrar aos jovens do campo que podem viver e crescer no campo, sem destruir a natureza e com qualidade de vida.

Assim apresentaremos algumas alternativas possíveis de se desenvolver na escola do campo, para que esta possa definitivamente se construir como fator de mudança social, buscando demonstrar que a Educação do Campo pode atender as necessidades e as especificidades dos povos do campo.

A educação dos povos do campo foi historicamente marginalizada e não é preciso recorrer aos documentos para tomar conhecimento desta dura realidade, porém, hoje se busca num processo coletivo fortalecer ou até reconstruir esta educação para que tenha a possibilidade de criar uma nova identidade e até um novo foco de desenvolvimento humano para os povos do campo.

É preciso romper com a lógica do desenvolvimento econômico capitalista, porém é nele que nossa sociedade esta inserida, daí a dificuldade de desenvolver uma política pública e até uma didática que valorize os saberes, as experiências, a cultura, a identidade, enfim, as especificidades dos povos do campo.

Diante disso, o presente trabalho justifica-se pela necessidade de buscar uma nova perspectiva para a educação dos povos do campo. Assim buscamos através do trabalho com técnicas de jardinagem, ervas medicinais e a produção de insumos

orgânicos, fortalecer a cultura, desenvolver o processo de apropriação e elaboração de novos conhecimentos, bem como desenvolver estudos e problematizações sobre as questões relativas ao trabalho, sustentabilidade e cultura dos povos do campo.

Ou seja, o trabalho busca associar a Educação do Campo ao ensino da jardinagem, mostrando a importância do plantio e cuidado com as plantas, da preservação do meio ambiente que é nossa casa, bem como apresentar noções de sustentabilidade associando-a a Educação do Campo

Muito se fala em Educação do Campo, porém para que ela realmente se efetive é necessário que o educador em sala de aula consiga articular seus conteúdos curriculares aos objetivos desta educação. É preciso desenvolver reflexões críticas e elaborar propostas educativas que incluam os alunos das escolas do campo e os valorizem no processo, ou seja, é preciso partir do conhecimento dos povos do campo, valorizar sua cultura e suas especificidades, bem como buscar sua ativa participação.

Partimos da pesquisa-ação, por meio da qual articulamos pesquisas bibliográficas e nossa vivência. Buscamos, no decorrer do trabalho, esclarecer os termos “Educação do e no Campo”, traçar um esboço de como trabalhar a Educação do Campo a partir das técnicas de jardinagem atentando às ervas medicinais e à produção de insumos orgânicos.

2. A EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO.

Atualmente muitas reformas educacionais estão ocorrendo em vários níveis de ensino, desde a Constituição Brasileira de 1988 , até a LDB 9394/96, que passou a se preocupar com a necessidade de universalizar o acesso à escola e de reconhecer a diversidade do campo.

Com a aprovação da Constituição de 1988, a educação se destacou como um direito de todos. E, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394/96, há o reconhecimento da diversidade do campo, uma vez que vários artigos estabelecem orientações para atender a essa realidade, adaptando as suas peculiaridades, como os artigos 23, 26 e 28, que tratam tanto das questões organização escolar como de questões pedagógicas. Contudo, mesmo com esses avanços na legislação educacional, a realidade das escolas para a população rural continua precária. (PARANÁ, 2006, p. 17)

Porém muito pouco de avanços esta lei ocasionou. Foi preciso que, a partir da década de 90, os povos do campo se organizassem para que fossem ouvidos. Poderíamos enumerar vários encontros, debates e conferências que discutiram a Educação do Campo, todos estes preocupados em situar a educação dentro do contexto agrário do país e da história de desenvolvimento agrícola, procurando fortalecer a construção de uma proposta específica de Educação do Campo, que partisse das especificidades, enfim, das necessidades e da realidade concreta enfrentada pela população do campo.

A partir dessas discussões foi sendo forjado o termo “escola do campo”, que melhor se identifica com a luta das pessoas do campo. Vejamos o que nos dizem as Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná:

A concepção de campo tem o seu sentido cunhado pelos movimentos sociais no final do século XX, em referência à identidade e cultura dos povos do campo, valorizando-os como sujeitos que possuem laços culturais e valores relacionados à vida na terra. Trata-se do campo como lugar de trabalho, de cultura, da produção de conhecimento na sua relação de existência e sobrevivência. (PARANÁ, 2006 p. 22)

Assim, superando o termo “rural”, até então empregado em muitos documentos que faziam referência aos povos do campo como aqueles que precisavam de auxílio, assistência, ou seja, não se pensava o campo como lugar de vida, de trabalho, de construção de conhecimentos e cultura.

Desta forma iniciou-se a discussão a respeito de uma educação que deve ser no e do campo. No campo, pois a escola precisa estar perto do aluno localizada geograficamente no campo; e, do campo, pois precisa ser pensada e desenvolvida com a participação dos cidadãos, priorizando no processo educacional as experiências, a cultura, o trabalho com a terra.

O povo tem o direito de ser educado no lugar onde vive. O povo tem o direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculadas à sua cultura e às necessidades humanas e sociais. (PARANÁ, 2006 p.27)

Assim, a educação dos povos do campo precisa ultrapassar o modelo urbano/industrial das décadas de 1960 a 1980, e a sustentação desta nova escolarização encontra-se na consciência ecológica, no desenvolvimento sustentável, na agricultura familiar, na preservação da cultura e no respeito às

especificidades dos povos e, principalmente, na ação política destes homens e mulheres como afirma Leite (1999). Pensando nisso, buscamos no decorrer do trabalho apresentar sugestões para essa nova escolarização.

Propomos trabalhar com técnicas de jardinagem, ervas medicinais e a produção de insumos orgânicos para efetivar a Educação do Campo, pois acreditamos que partindo destes pressupostos podemos adentrar aos conteúdos curriculares do 3º ano do 1º ciclo do Ensino Fundamental das séries iniciais e problematizar os conteúdos e os conhecimentos prévios dos educandos, pois acreditamos que.

O que caracteriza os povos do campo é o jeito peculiar de se relacionar com a natureza, o trabalho na terra, a organização das atividades produtivas, mediante mão-de-obra dos membros da família, cultura e valores que enfatizam as relações familiares e de vizinhança, que valorizam as festas comunitárias e de celebrações da colheita, o vínculo com uma rotina de trabalho que nem sempre seguem o relógio mecânico. (PARANÁ, 2006 p. 22)

Porém sabemos que nas escolas do campo encontramos uma diversidade de jeitos de viver que vai desde formas artesanais, até as formas automatizadas de produção. A Educação do Campo, para atender a essa especificidade precisa avaliar quais conteúdos e debates são significativos. Foi a partir dessa preocupação que propusemos trabalhar a Educação do Campo partindo de conteúdos relacionados às técnicas de jardinagem, ervas medicinais e à produção de insumos orgânicos, também procurando abordar sempre a importância do desenvolvimento sustentável.

3. EDUCAÇÃO DO CAMPO: EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

O homem, e principalmente o do campo, precisa entender que vive em interdependência com a natureza. Assim, a Educação do Campo precisa partir deste pressuposto, e neste trabalho buscamos através da educação ambiental e do desenvolvimento sustentável, com as técnicas de jardinagem, ervas medicinais e a produção de insumos orgânicos, desenvolver alicerces para alcançarmos uma Educação do Campo que venha ao encontro das necessidades dos povos do campo.

Em nossa sociedade capitalista o discurso do desenvolvimento sustentável não é homogêneo, ele expressa estratégias conflitantes, pois muitos têm interesses e visões diferentes. Nesse sentido, Leff (2001) explica a importância da transição para a sustentabilidade ser fundada numa racionalidade ambiental e continua afirmando que para alcançarmos uma efetiva mudança, a transição para a sustentabilidade deve privilegiar a natureza e não o capitalismo.

Gonçalves (2005 p. 26) expõe sobre a importância da convivência do homem em harmonia com a natureza e não da tentativa de dominá-la.

A expressão dominar a natureza só tem sentido a partir da premissa de que o homem é não-natureza... Mas se o homem é também natureza, como falar em dominar a natureza? Teríamos que falar em dominar o homem também... E aqui a contradição fica evidente. Afinal, quem dominaria o homem? Outro homem. Isso só seria concebível se aceitássemos a ideia de um homem superior, de uma raça superior, pura – e a história já demonstrou à farta as consequências destas concepções.

Principalmente o trabalhador do campo precisa entender que é preciso respeitar a natureza. Leff (2001 p. 251) coloca que a educação para o desenvolvimento sustentável exige “novas orientações e conteúdos; novas práticas pedagógicas onde se plasmem as relações de produção de conhecimento e os processos de circulação, transmissão e disseminação do saber ambiental. Esta educação é estratégia para alcançarmos uma sociedade sustentável”.

Lourenço (2005, p. 91) afirma que “a simples percepção e sensibilização para a problemática ambiental e o incremento de competências técnicas, voltada para sua resolução, não expressam aumento qualitativo da consciência e do exercício de cidadania ecológica”. Assim, o educador das escolas do campo busca uma nova didática, trabalhando os conteúdos e relacionando-os com a vida no campo. Contudo, ele também precisa partir dos conhecimentos trazidos pelos educandos e chegar aos conteúdos necessários sempre problematizando para que o aluno consiga refletir sobre seu aprendizado e sua realidade de vida.

A Educação do Campo, assim, exige uma sucessiva reflexão e problematização, e é neste ponto que nos deparamos com algumas dificuldades relacionadas à busca de alternativas metodológicas. É nesse sentido que sugerimos o trabalho com os conteúdos escolares relacionados às técnicas de jardinagem,

ervas medicinais e à produção de insumos orgânicos, que convergem nos conhecimentos relacionados à educação ambiental. Apesar disso, Leff nos fala da dificuldade do ensino no campo ambiental.

Não tem sido fácil a transição do pensamento e dos métodos da complexidade para o projeto e condução de programas interdisciplinares de formação que sejam algo mais que a simples junção de cursos e matérias para elaborar um programa multitemático. O ensino interdisciplinar no campo ambiental implica a construção de novos saberes, técnicas e conhecimentos e sua incorporação como conteúdos integrados no processo de formação. Isso requer um processo de autoformação e a formação coletiva da equipe de professores, de delimitações de diversas temáticas ambientais, de elaborações de estratégias de ensino e definição de novas estruturas curriculares. (LEFF, 2001 p.240)

Assim, a Educação do Campo precisa problematizar as questões ambientais, pois o homem do campo vive e retira seu sustento da terra. Portanto é fundamental discutirmos a redução do consumo e do desperdício, a reutilização e a reciclagem, enfim a preservação da natureza.

Para tanto, fomos até a sala de aula para entender e aplicar os conhecimentos de Educação do Campo. Buscamos partir dos conhecimentos que os educandos têm sobre as técnicas de jardinagem, ervas medicinais e a produção de insumos orgânicos, para trabalharmos os conteúdos curriculares do 3º ano do 1º ciclo do Ensino Fundamental, séries iniciais.

4. APLICAÇÃO EM SALA DE AULA.

Nossa pesquisa foi desenvolvida numa turma de 3º ano do 1º ciclo do Ensino Fundamental, séries iniciais, da Escola Mário Bettega, de Chopinzinho – PR, a turma tem 30 alunos matriculados, numa média de idade de 8 e 9 anos. Fizemos visita à escola observando sempre a concepção de escola delimitada pelas Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação do Estado do Paraná, que considera a escola:

Local de apropriação de conhecimentos científicos construídos historicamente pela humanidade e local de produção de conhecimentos em relações que se dão entre o mundo da ciência e o

mundo da vida cotidiana. Os povos do campo querem que a escola seja o local que possibilite a ampliação dos conhecimentos; portanto, os aspectos da realidade podem ser pontos de partida do processo pedagógico, mas nunca o ponto de chegada. O desafio é lançado ao professor, a quem compete definir os conhecimentos locais e aqueles historicamente acumulados que devem ser trabalhados nos diferentes momentos pedagógicos. Os povos do campo estão inseridos nas relações sociais do mundo capitalista e elas precisam ser desveladas na escola. (Parana, 2006 p.25)

Assim, procurando seguir a esta concepção fomos até a escola que é localizada no interior do município, estudamos a proposta pedagógica e conversamos com a direção da escola, equipe pedagógica e com o professor da turma que nos permitiu realizar algumas atividades com seus alunos. Voltamos em mais três manhãs para trabalhar com os alunos do 3º ano.

Quando fomos à escola, procuramos o máximo possível conhecer sua realidade e dos educandos do 3º ano. Estudamos a proposta pedagógica e resolvemos trabalhar os seguintes conteúdos dela retirados: Arte – cores primárias e secundárias e texturas naturais e artificiais; Ciências: Sol e a Terra, fontes de calor, rotação dia e noite, alterações e mudanças ambientais, cuidados com o solo, produção de alimentos, a aerificação do solo e o uso de agrotóxicos; Geografia – noções de tempo (crescimento e vida da planta), estações do ano, o tempo e o trabalho do campo e da cidade e produção e transformação sócio histórica dos espaços; História – a transformação na vida dos animais e dos vegetais no decorrer do tempo, o trabalho enquanto especificidade humana, diferentes formas de trabalho e organização, o trabalho ontem e hoje, condições de vida dos trabalhadores rurais e o êxodo rural. Língua Portuguesa – relato de experiências vividas, diálogos, cartazes, leituras e interpretações, exposições orais, produção de textos, etc.; Matemática – sistema de numeração decimal; operações de adição e subtração, relação entre formas geométricas encontradas na natureza e nos objetos construídos pelo homem, medidas de tempo, valor, capacidade e comprimento. Conteúdos do 3º ano retirados da Proposta Pedagógica do Município de CHOPINZINHO (2007)

Para trabalhar com todos estes conteúdos procuramos iniciar com uma longa conversa sobre jardinagem, ervas medicinais e a produção de adubos orgânicos. Os alunos gostavam de falar e era preciso muitas vezes interrompê-los, porém podemos

perceber que traziam uma gama enorme de conhecimento, alguns do senso comum e outros mais elaborados. Assim, procuramos aplicar a seguinte concepção:

Concepção de conteúdos e metodologias de ensino: conteúdos escolares são selecionado a partir do significado que têm para determinada comunidade escolar. Tal seleção requer procedimentos de investigação por parte do professor, de forma que possa determinar quais conteúdos contribuem nos diversos momentos pedagógicos para a ampliação dos conhecimentos dos educandos. Estratégias metodológicas dialógicas, nas quais a indagação seja frequente, exigem do professor muito estudo, preparo das aulas e possibilitam relacionar os conteúdos científicos aos do mundo da vida que os educandos trazem para a sala de aula. (Paraná, 2006 p. 26)

Dessa forma, pudemos perceber o grande amalgamado de conhecimentos que os educandos tinham, o que nos oportunizou partirmos desses conhecimentos para realizar várias atividades, sempre com muito diálogo e problematização, pois como afirmam as DCE para a Educação do Campo do Paraná (2006, p. 26) “busca-se uma educação que seja crítica, cuja característica central seja a problematização dos conhecimentos. Problematizar implica discutir os conteúdos de forma a gerar indagações e não de formar enciclopédica e mecânica”.

Utilizamos em nossas aulas vários materiais, sendo os mais importantes os seguintes: II Cadernos Temáticos da Educação do Campo, da Secretaria de Estado de Educação do Paraná; destes foram retirados alguns relatos (de forma resumida e sintetizada) para os alunos entenderem e discutirem. Textos também foram retirados do livro: *“ProJovem Campo Saberes da Terra: transição ecológica em sistemas familiares de produção”*, organizado por Silvia C. Hoeller e Valentim Silva da Editora UFPR, 2003. Também do livro: *“Jardineiro”*, de Francine L. Cuquel do SENAR-PR, 2004.

As DCE para a Educação do Campo do Paraná (2006) também nos alertam que na Educação do Campo é preciso que se objetive no estudo a investigação como ponto de partida para a seleção e desenvolvimento dos conteúdos, valorizando sempre as singularidades regionais e a valorização da cultura de diferentes lugares. Observando estes aspectos, depois das discussões realizadas com os alunos, procuramos observar o entorno da escola para investigar o que percebiam de mudanças ambientais, sejam elas realizadas pelo homem ou pela natureza. Durante as observações procuramos problematizar as questões referentes à produção de alimentos realizada pelo homem do campo e as transformações sócio

históricas. Voltando para a sala de aula discutimos o trabalho enquanto especificidade humana, as diferentes formas de organização e as formas de trabalho, bem como o trabalho de ontem e hoje relacionado à agricultura. Para finalizar o trabalho do primeiro dia de atividades, os educandos foram instigados a produzirem cartazes de como era realizada a agricultura no passado e na atualidade, assim termina o primeiro dia de aula no 3º ano.

No segundo dia de trabalho iniciou-se com algumas leituras e discussões sobre jardinagem. Os educandos foram perguntados sobre as ervas medicinais, grande maioria as conhecia, pois sua família cultivava. Assim introduzimos os conteúdos sobre o Sol como fonte de calor e a Terra e os cuidados com o solo, a aerificação do solo, o uso de agrotóxicos. Neste ponto houve bastante interferência e discussão, depois voltamos à temática da produção de alimentos, neste ponto foi problematizado a questão do adubo orgânico, assunto do qual todos os alunos sabiam do que se tratava, porém grande parte informou que seus familiares costumam utilizar adubos químicos nos cultivos agrícolas, utilizando adubos orgânicos (em pequena quantidade) apenas no cultivo de legumes e verduras.

Nesse aspecto, a escola deve realizar uma interpretação da realidade que considere as relações mediadas pelo trabalho no campo, como produção material e cultural da existência humana. A partir dessa perspectiva, deve construir conhecimentos que promovam novas relações de trabalho e de vida para os povos do campo. (Paraná 2006 p. 27)

Neste ponto foram discutidas questões referentes à condição de vida dos trabalhadores rurais e o êxodo rural. Quanto ao êxodo rural, todas as crianças têm alguma história para contar de um familiar ou de um vizinho que deixou o campo e foi para a cidade. Neste dia os educandos produziram em duplas, pequenos textos que discursavam sobre a vida no campo.

No terceiro dia iniciamos novamente com leituras e interpretação. Discutimos sobre o tempo, e como perceber que ele está passando, seja através das horas, dos dias, das estações do ano ou observando as transformações ocorridas na vida dos animais e dos vegetais no decorrer do tempo. Assim procuramos discutir as medidas de tempo e foi possível perceber que os educandos conhecem as medidas de valor, de capacidade e de comprimento quando realizaram atividades que problematizavam questões matemáticas referentes ao cotidiano do homem do

campo, sendo que algumas atividades eles mesmos criaram. Também demonstraram facilidade em distinguir a relação entre as formas geométricas encontradas na natureza e os objetos construídos pelo homem. Por fim, os educandos se divertiram quando apresentamos a eles algumas texturas naturais, como folhas, pedaços de galhos entre outros objetos da natureza, observando, com isso, como a natureza é rica em cores e identificando as cores primárias e secundárias.

Podemos perceber o grande amalgamado de conhecimentos e experiências de vida que as crianças do campo carregam. Muito embora essa pesquisa tenha sido um tanto superficial, ela nos deixa a certeza que provocou pequenas mudanças. Pensando nisso, Lourenço (2005) discursa que não existe receita para a educação ambiental e conseqüentemente para a educação do campo. Precisamos evitar o discurso vazio e buscar esclarecer as responsabilidades e, para isso é preciso uma reflexão e um planejamento. Quando todos os educadores começarem a entender o que é a Educação do Campo é possível que os resultados comecem a aparecer, na medida em que.

Habilidades de observar, investigar, planejar, solucionar problemas, explicar, interpretar, formular perguntas, levantar hipóteses, explorar, registrar, respeitar as evidências, reflexão crítica, curiosidade, flexibilidade e sensibilidade a coisas vivas e ao meio ambiente, devem fazer parte das atividades do dia a dia da sala de aula, desenvolvendo, assim, uma atitude científica. Nessa perspectiva, a educação sobre o meio ambiente está voltada aos alunos na construção de um entendimento básico sobre como funcionam os sistemas naturais e as atividades de impacto do ser humano sobre eles. (VIZENTIN, 2009 p. 59)

Entendendo isso, a Educação do Campo precisa transmitir e difundir novos valores, porém isso implica num processo de conscientização e de participação. Como afirmam as DCE para a Educação do Campo do Paraná (2006), a Educação do Campo que pensamos associa os saberes da experiência trazidos pelos educandos, os saberes da experiência trazidos pelos educadores e se soma aos conhecimentos específicos dos conteúdos curriculares.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A educação para os povos do campo que propomos nos aponta para caminhos que perpassam por uma nova pedagogia e que exigem reflexão, problematização, discussão, conscientização, mudança de comportamento, desenvolvimento de novas competências e didáticas, além da participação de todos os cidadãos.

As atividades realizadas com a turma do 3º ano do 1º ciclo foram enriquecedoras e possibilitaram inúmeras reflexões, porém há de ser feito muito mais visando à Educação do Campo, o desenvolvimento sustentável e a preservação do meio ambiente. Para tanto é preciso que o educador proporcione momentos de debates diários em sala de aula, que realize problematizações, que parta dos conhecimentos prévios dos alunos, mas que não pare por aí. É preciso também que reflita de forma crítica as relações sociais, de trabalho etc. só assim nossos educandos terão a oportunidade e conseqüentemente a capacidade de tornarem-se cidadãos conscientes da importância de sua participação na sociedade.

A Educação do Campo, nesse sentido, precisa ser discutida com os educandos, para que estes tenham a capacidade de produzir soluções e colocá-las em prática. Também tenham a possibilidade de refletir sobre as situações ambientais, sobre a cultura, o êxodo rural e as condições de vida do homem do campo. Em nossa pesquisa pudemos observar que se a escola está comprometida com a Educação do Campo, ela realmente acontece.

Podemos perceber que qualquer assunto relacionado com a vida no campo pode trazer importantes reflexões a respeito do contexto sócio-histórico-cultural do campo e proporcionar momentos de troca de experiências, como fora realizado com os temas propostos neste trabalho, onde foram pontuadas reflexões acerca das técnicas de jardinagem, o cultivo de ervas medicinais e a produção de insumos orgânicos, que deram suporte para a problematização e a aprendizagem de vários conteúdos curriculares.

6. REFERÊNCIAS

CHOPINZINHO. Escola Rural Municipal Mário Bettega. **Proposta Político Pedagógica dos nove anos**. Chopinzinho, 2007.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. 13 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

LEFF, E. **Saber ambiental: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999.

LOURENÇO C. F. B; LAYRARGUES P. P; CASTRO, R. S. **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares da rede pública da educação básica do estado do Paraná. Educação do Campo**. Curitiba: SEED, 2006.

VIZENTIN, C. R; FRANCO R. C. **Meio Ambiente: do conhecimento cotidiano ao científico: metodologia, ensino fundamental, 1º ao 5º ano**. 22 ed. Curitiba: Base Editorial, 2009.